

# Com quantos paus se faz uma canoa? Notas sobre *A personalidade autoritária*

BRUNA DELLA TORRE\*

Não quero entrar na discussão a respeito das organizações neonazistas. Considero a sobrevivência do nacional-socialismo *na* democracia como potencialmente mais ameaçadora do que a sobrevivência de tendências fascistas *contra* a democracia. A corrosão por dentro representa algo *objetivo*; e as figuras ambíguas que efetivam o seu retorno só o fazem porque as condições lhes são favoráveis. (Theodor W. Adorno, *O que significa elaborar o passado*, 1959)

Diante da ascensão da extrema direita no mundo inteiro, o debate relativo ao fascismo está de volta à ordem do dia. No Brasil, encontramos em maior ou menor medida todos os elementos da definição de fascismo conferida pela teoria crítica. Conforme Marcuse ([1972] 2018, p.62), por exemplo, o fascismo reuniria: resposta autoritária a uma crise econômica que visa erodir a democracia e os direitos a ela associados, “suspensão” de direitos e liberdades civis, perseguição da oposição e transformação desta num grande inimigo que deve ser eliminado, militarização e manipulação totalitária do povo. Ainda assim, autores importantes, como Enzo Traverso (2019) e Perry Anderson (2019), têm defendido que é contraproducente, tanto do ponto de vista teórico, quanto do ponto de vista político, classificar o momento atual como fascismo ou neofascismo. A ausência de milícias organizadas, de um partido fascista de massa e de uma perseguição racial declarada, bem como a manutenção das eleições, da democracia formal e de uma retórica republicana misturada com

---

\* Pós-doutoranda no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo. E-mail: bru.dellatorre@gmail.com

posições de extrema direita são alguns dos argumentos levantados por tal linha interpretativa. A polêmica em torno do “é ou não é fascismo” recai também no terreno perigoso da verificação empírica: quem vota em Jair Bolsonaro ou em Donald Trump é ou não fascista? Esta última questão servirá de guia para o comentário a seguir a respeito do livro *A personalidade autoritária*, que completa 70 anos em 2020.

A publicação é resultado de uma série de pesquisas sobre o preconceito dirigida por Theodor W. Adorno em colaboração com psicólogos e cientistas sociais da Universidade de Berkeley. Embora tenha sido alvo de inúmeras críticas, como as de Ferrarotti (1994), Martin (2001) e Gandesha (2018), o livro permanece uma análise clássica sobre o fascismo e tem sido cada vez mais retomado para a compreensão do momento político atual (Brown et al., 2018; Bernstein, 2019). Dentre as várias questões interessantes presentes no estudo, destacam-se algumas perguntas suscitadas por ele: o que significa de fato “ser fascista” do ponto de vista individual? Como medir o fascismo no corpo social? É necessário que um país inteiro possua uma maioria que defenda abertamente a *ideologia* fascista para que este se implante? Com quantos fascistas se faz um movimento fascista?

A origem do fascismo está ligada ao capitalismo e à sua violência e brutalidade.<sup>1</sup> Mas nem por isso ele deixa de ser um fenômeno vivenciado psíquica e subjetivamente. Como isso acontece? Para compreender tal fenômeno, convém retomar o capítulo 24 sobre a “acumulação originária”, do *Capital*, no qual Marx explica o processo histórico de despossessão que submeteu os trabalhadores à exploração capitalista e enfatiza que

por educação, tradição e hábito, [o trabalhador] reconhece as exigências desse modo de produção como leis naturais e evidentes por si mesmas. A organização do processo capitalista de produção desenvolvido quebra toda a resistência; [...] a coerção muda exercida pelas relações econômicas sela o domínio capitalista sobre o trabalhador. (Marx, [1867] 2013, p.808)

Com o auxílio da psicanálise e de uma teoria da mídia, a da “indústria cultural”,<sup>2</sup> Adorno discute em diversos de seus trabalhos como esse processo de despossessão oriundo da formação social capitalista estende-se também para a subjetividade. Ou seja, além de despossuir o trabalhador do controle e propriedade dos meios de pro-

- 1 O diagnóstico mais amplo do fascismo urdido pela Escola de Frankfurt remete também aos estudos sobre “Autoridade e família” realizados nos anos 1930 e à discussão sobre o capitalismo de Estado e o capitalismo monopolista realizada por Pollock, Neumann, Marcuse e Horkheimer na década de 1940.
- 2 O conceito de personalidade autoritária é inseparável do conceito de “indústria cultural”. Como sistema (Adorno e Horkheimer, [1947] 2006), esta última explica a penetração desse processo de despossessão da subjetividade em todo o corpo social, independentemente da classe. Ela é a correia de transmissão do fascismo na medida em que se torna cada vez mais a principal instância de socialização sob o capitalismo. Nesse sentido, segundo os autores (2006), a indústria cultural torna as pessoas, a partir de uma série de processos de identificação por ela promovidos (principalmente com as *superstars*), mais suscetíveis à identificação com um líder fascista. Vale lembrar que a ascensão da extrema direita hoje foi extremamente potencializada pelo *boom* das plataformas e das redes sociais após 2008 e resultou na eleição de pessoas diretamente ligadas ao *show business*.

dução, do produto e da organização do processo de trabalho, o capitalismo penetra fundo na formação subjetiva, e a reprodução capitalista passa então a se dar também *através* dos indivíduos. Portanto, a análise da “personalidade autoritária” pode ser lida como uma análise desse processo contemporâneo de despossessão subjetiva.

Baseada no pressuposto de que fascismo e antissemitismo estavam intrinsecamente conectados, a série de pesquisas sobre o preconceito buscou inicialmente mapear a ideologia antissemita. Com o fito de medir o antissemitismo, construíram-se também escalas comparativas para analisar a presença do etnocentrismo e do conservadorismo político-econômico da população (Carone, 2012). Suas conclusões iniciais consistiram na descoberta de que essa ideologia não existia como um todo coeso. Em “Elementos do antissemitismo”, ensaio da *Dialética do esclarecimento* escrito sob influência da pesquisa de Berkeley e dedicado à análise do conteúdo racial do autoritarismo nazista, Adorno e Horkheimer (2006, p.164) sugerem curiosamente que “não há mais antissemitas” ainda que haja antissemitismo. Os autores afirmam ainda que “não existe um genuíno antissemitismo” (ibid., p.142), que “este tem de, primeiro, inventar seu objeto” (ibid., p.170) e que “quando as massas aceitam o *ticket* reacionário contendo o elemento antissemita, elas obedecem a mecanismos sociais nos quais as experiências de cada um com os judeus não têm a menor importância” (ibid., p.170).

A pesquisa demonstrou que muitas das pessoas que tendiam a apresentar comportamentos preconceituosos em relação aos judeus facilmente esboçavam a mesma atitude em relação a outros grupos. Os pesquisadores perceberam, então, que se o antissemitismo era muito mais um tipo de comportamento do que uma ideologia coesa, o fascismo teria que ser entendido como um fenômeno mais amplo, como uma espécie de disposição antidemocrática. Tratou-se, portanto, de “medir” o potencial fascista da sociedade norte-americana e de compreender quais eram as características principais dos indivíduos suscetíveis à propaganda antidemocrática – a famosa “escala F”. A diferença entre a “ideologia” fascista, de conteúdo declarado, de um lado, e as disposições antidemocráticas, de outro, é que este último comportamento normalmente vinha acompanhado de uma defesa superficial da democracia, da igualdade etc. As entrevistas em profundidade demonstraram que tal comportamento incluía não só a tendência à hostilidade para com grupos minoritários, mas também a suscetibilidade a soluções de força, incapacidade de reflexão e submissão à autoridade (era frequente, na pesquisa, a ideia de que só um líder de pulso firme, que tem coragem de dizer o que tem de ser dito e fazer o que tem de ser feito – o que quer que fosse isso – poderia resolver o problema dos Estados Unidos). Ou seja, o que estava em questão era a inclinação latente e muitas vezes inconsciente ao fascismo, e não sua defesa explícita.

A questão não é, portanto, entender o “fascismo”, mas a “mentalidade fascista”, apreender algo que é subjacente ao comportamento, aquilo que o orienta e que diz respeito ao modo como determinadas forças sociais se organizam no interior dos indivíduos. O fascismo passa a ser compreendido aqui como experiência social vivida, e não mais apenas como um conjunto de proposições políticas e econômicas.

Os autores reconhecem que essas últimas formam a base das escolhas políticas. No entanto, as pesquisas mostraram que a classe não determina completamente o comportamento político e as disposições antidemocráticas estavam presentes de maneira difusa em todo o corpo social. *A personalidade autoritária* enfrentou o desafio, até hoje renegado por parte das ciências sociais, de compreender por que as pessoas, por vezes, não se comportam de acordo com os seus interesses materiais, mesmo quando têm consciência deles. O fascismo tem sempre, nesse sentido, um elemento autodestrutivo para as classes subalternas e mesmo para parte das classes médias.

Adorno, contudo, confere à irracionalidade uma explicação racional. O fascismo é um governo de poucos e para poucos, mas precisa de uma base de massa para se instaurar (Adorno et al., 1950, p.10). E, por ser um governo para poucos, mobilizar o argumento de que vai melhorar economicamente a vida das pessoas não é suficiente para que o fascismo se perpetue, ainda que este esteja presente na sua implantação.<sup>3</sup> Por essa razão, sua construção apela também para elementos emocionais: medos e desejos inconscientes. Uma questão importante: não se trata apenas de manipulação das pessoas sem instrução. Embora isso também ocorra, esse argumento sozinho seria errôneo e de cunho elitista. A propaganda fascista mobiliza forças inconscientes – que estão presentes em todos nós, instruídos e não instruídos. É por essa razão que os estudos sobre a personalidade autoritária foram feitos conjuntamente com os estudos sobre a propaganda fascista, com o fito de compreender quais forças essa propaganda visa mobilizar. Conforme ressaltou Iray Carone, “A única forma de combater o fascismo é através do estudo da psicologia do destinatário de sua mensagem, porque a própria mensagem é caracterizada pela presença de elementos psicológicos e não lógicos” (Carone, 2012, p.17).

A pesquisa concluiu que o “tipo ideal”, por assim dizer, do fascista, aquele que pontuava mais alto na “escala F”, apresentava as seguintes características: convencionalismo (adesão rígida aos valores convencionais de classe média); agressividade autoritária (tendência punitivista em relação àqueles que escapam aos valores convencionais); anti-introspecção (anti-intelectualismo em múltiplas modalidades); superstição e estereotipia (crença em determinantes místicas do futuro individual e disposição para pensar por meio de categorias rígidas); poder e força (interpretação do mundo a partir de divisões como “fortes e fracos” e identificação com figuras de poder); destrutividade e cinismo (hostilidade generalizada); projetividade (projeção de impulsos emocionais inconscientes); preocupação exagerada com sexo (cf. Adorno et al., 1950, p.228).<sup>4</sup> A escala F visava identificar disposições autoritárias subjacentes ao conteúdo político-ideológico declarado.

3 Pelo mesmo motivo, os programas políticos fascistas são vazios, conforme salienta Adorno: “[...] o totalitarismo significa desconhecer limites, não permitir nenhuma pausa para fôlego, conquistar impondo dominação absoluta, exterminar completamente o inimigo escolhido. Diante desse significado do ‘dinamismo’ fascista, qualquer programa claramente delineado funcionaria como uma limitação, uma espécie de garantia dada até mesmo ao adversário. É essencial à regra totalitária que nada seja garantido e nenhum limite seja imposto à arbitrariedade impiedosa” (Adorno, 2015, p.141).

4 Não se trata de uma mera enumeração de características. Adorno (et al., 1950, p.748) ressalta que esses “exageros” tipológicos funcionam como na psicanálise. Assim como Freud retirou a sua

Ou seja, a base social desse comportamento antidemocrático é ao mesmo tempo uma base psicológica. Trata-se de mostrar que a estrutura de personalidade autoritária – como tendência objetiva – torna o corpo social permeável ao fascismo. Este assenta-se no fato de que a alta complexidade da sociedade atual gera ignorância e ansiedade, alvo central, afirma Adorno (1950, p.629), dos líderes populistas. Essa ignorância pouco tem a ver com nível de instrução, mas com uma falta de interesse ou vivência da política aliado à comunicação de massa e com o fato de que a relação do indivíduo com a sociedade e suas instituições é opaca. O papel do ressentimento é central nesse processo. Adorno mostra, por exemplo, como o ressentimento contra o imposto foi fortemente mobilizado por Hitler para ganhar a adesão das classes médias e da classe trabalhadora. Nos primeiros anos do nazismo houve uma espécie de anistia do imposto, propagandeado como um dos grandes feitos de Goering. Adorno chama isso de “complexo do pagador de impostos” (1950, p.717), traço também da personalidade autoritária. As vantagens de se pagar imposto não são claras e nisso se descobre o ressentimento do indivíduo para com a sociedade. O mesmo se passa com a política. As informações sobre política chegam pelo rádio, pela televisão e fazem parte da parcela do dia dedicada ao “tempo livre” e são encaradas como uma espécie de entretenimento – como a novela e o futebol. A propaganda fascista mobiliza a tendência de dirigir aos outros a raiva das regras que os indivíduos devem seguir e das restrições sociais.<sup>5</sup> A personalidade autoritária dirige seus impulsos agressivos contra grupos de fora, pois é incapaz de atacar autoridades internalizadas.

Ainda no âmbito do ressentimento, Adorno chama a atenção para o fato de que os sujeitos autoritários tendem a apresentar um discurso contraditório: eles percebem que a democracia formal capitalista não garante de modo permanente e universal a satisfação dos desejos e das necessidades mais elementares, mas, ao mesmo tempo, reconhecem muitas vezes a forma democrática de governo como algo próximo do ideal do que deveria ser a sociedade (Adorno et al., 1950, p.678). O ressentimento causado por essa contradição, segundo Adorno, passa, no entanto, a ser direcionado para a própria forma da democracia por aqueles que, por inúmeras razões, não identificam as raízes econômicas da sua situação. Isso ocorre, por exemplo, quando as pessoas acusam qualquer política de ser “suja” ou quando projetam em políticos e burocratas específicos as razões de todos os problemas econômicos e sociais. O fascismo, nesse sentido, se alimenta sempre do anseio

---

teoria da “oralidade” e do “caráter compulsivo” de casos específicos, estes contêm algo que pode ser em algum nível generalizado. Ou seja, a questão não é criar uma escala e observar apenas se as pessoas se encaixam nela ou não, mas inferir, a partir dela, uma estrutura de subjetivação típica do capitalismo tardio.

- 5 É por isso que a dinâmica fascista sempre requer um inimigo, porque precisa sempre projetar “para fora”, no que Adorno chama de *outgroups*, a raiva e o ressentimento sociais. Em “Antissemitismo e propaganda fascista”, Adorno afirma: “A propaganda fascista ataca fantasmas, e não oponentes reais, ela constrói um *imaginário* do judeu ou do comunista, separa-o em pedaços sem prestar muita atenção a como esse imaginário se relaciona com a realidade” (Adorno, [1946] 2015, p.143).

por uma transformação radical e opera na ambiguidade e na confusão das pessoas: mobiliza revolta, lança mão de propagandas pseudoprogressistas etc.

Meu objetivo aqui foi apresentar uma outra noção de fascismo que, se não dá completamente conta do fenômeno atual, pode servir como pontapé inicial para pesquisas futuras. A *personalidade autoritária* pode ser considerada, assim, uma espécie de projeto piloto da análise do fascismo que chama a atenção para a própria possibilidade de medi-lo empiricamente. No livro, os autores chegam a sugerir que a porcentagem de indivíduos antissemitas nos Estados Unidos durante o período da pesquisa era similar ao da Alemanha nazista. Eles mostram, portanto, que não é necessário aderir a todo o programa de um partido fascista para aderir ao projeto fascista. Uma disposição dentre as várias que compõem a personalidade autoritária já seria suficiente. Uma das grandes dificuldades desse estudo, que tem estado presente igualmente nas pesquisas empíricas realizadas sobre o bolsonarismo no Brasil, é que, no limite, não há um “fascista” puro, sem contradições ou, ao menos, estes são muito raros. Os trabalhos empíricos costumam insistir que, por não ser “completa”, a adesão às ideias de extrema direita apela a cada pessoa e a cada setor de uma maneira diversa e que, por isso, rotular esses indivíduos como “fascistas” seria passar por cima das contradições do processo social. Nesse sentido, o presente artigo busca mostrar que, no âmbito da análise, seria preciso compreender o fascismo como algo que está presente no corpo social enquanto “tendência”, ainda que não seja nunca empiricamente correspondente ao seu “tipo ideal”. Se alguns votam no líder fascista pela militarização, outros pelo convencionalismo, outros pela religião, mas ele ganha as eleições com um projeto fascista, isso significa que o fascismo pode se implantar devido a essas tendências fascistas subjacentes presentes na sociedade. No fundo, as pesquisas que buscam rechaçar o diagnóstico do fascismo no Brasil e no mundo hoje, em virtude da escassez de adeptos francamente fascistas, que tenham adesão integral ao *ticket* fascista, tendem a projetar erroneamente na própria Alemanha nazista ou na Itália fascista a imagem indevida de um todo coeso, no qual seria possível encontrar uma suposta maioria de seguidores dessa ideologia. Fascismo não é equivalente a “fascistas”.

Valeria salientar, por fim, a importância de refletir sobre o que torna, hoje, as pessoas suscetíveis à propaganda fascista, ou seja, como o fenômeno do autoritarismo penetra o corpo social. As pesquisas sobre *A personalidade autoritária* permitem considerar uma abordagem do fenômeno que leva em conta a origem social da subjetividade, ou seja, a maneira como a personalidade autoritária apresenta-se ela mesma como uma das configurações da contradição capitalista, constituindo-se também de modo complexo e contraditório. A Escola de Frankfurt oferece, assim, instrumentos para combater o fascismo numa esfera na qual ele normalmente é desconsiderado: o interior dos indivíduos.

### Referências bibliográficas

ADORNO, T. W. Antissemitismo e propaganda fascista. In: \_\_\_\_\_. *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*. São Paulo: Unesp, 2015, p.137-152.

- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- ADORNO, T. W.; FRENKEL-BRUNSWIK, E.; LEVINSON, D. J.; SANFORD, R. N. *The Authoritarian Personality*. New York: Harper and Brothers, 1950. [Ed. Bras.: *Estudos sobre a personalidade autoritária*. São Paulo: Editora Unesp, 2019.]
- ANDERSON, P. *Brazil Apart*. London: Verso, 2019.
- BERNSTEIN, J. *Adorno's Uncanny Analysis of Trump's Authoritarian Personality*. Disponível em: <<http://www.publicseminar.org/2017/10/adornos-uncanny-analysis-of-trumps-authoritarian-personality/>>. Acesso em: 15 ago. 2019.
- BROWN, W.; GORDON, P.; PENSKY, M. *Authoritarianism: three inquiries in critical theory*. London; Chicago: The University of Chicago, 2018.
- CARONE, I. A personalidade autoritária: estudos frankfurtianos sobre o fascismo. *Revista Sociologia em Rede*, v.2, n.2, 2012.
- FERRAROTTI, F. Beyond the authoritarian personality: Adorno's demon and its liberation. *International Journal of Politics, Culture, and Society*, v.8, n.1, 1994, p.105-127.
- GANDESHA, S. Identifying with the aggressor: from the authoritarian to neoliberal personality. *Constellations*, v.25, 2018, p.147-164.
- MARTIN, J. L. The authoritarian personality, 50 years later: what lessons are there for political psychology?. *Political Psychology*, v.22, n.1, 2001, p.1-26.
- MARX, K. *O Capital: crítica da economia política*. Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARCUSE, H. O destino histórico da democracia burguesa. *Dissonância: Revista de Teoria Crítica*, v.2, n.1.2, 2018, p.42-76.
- TRAVERSO, E. *Fascisms old and new: an interview*. Disponível em: <<https://jacobinmag.com/2019/02/enzo-traverso-post-fascism-ideology-conservatism>>. Acesso em: 11 set. 2019.

## Resumo

O artigo revisita os estudos sobre *A personalidade autoritária* com o fito de retomar parte do diagnóstico do fascismo de Theodor W. Adorno e da Escola de Frankfurt à luz dos acontecimentos políticos atuais. Trata-se de discutir como o fascismo se apresenta como experiência subjetivamente vivida a partir do conceito de “personalidade autoritária” e não apenas como um conjunto de ideias a partir das quais se forma a “ideologia fascista”.

**Palavras-chave:** Fascismo; personalidade autoritária; Escola de Frankfurt; Theodor W. Adorno; ideologia.

## Abstract

The article revisits the studies on *The Authoritarian Personality* to recover part of Theodor W. Adorno's and the Frankfurt School's diagnosis of fascism in light of current political events. It also discusses how fascism presents itself as a subjectively lived experience based on the concept of “authoritarian personality” and not just as a set of ideas from which the “fascist ideology” is formed.

**Keywords:** Fascism; authoritarian personality; Frankfurt School; Theodor W. Adorno; ideology.